

ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA E CONDUÇÃO DA EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19.

SCHOOL ORGANIZATION AND CONDUCT OF EDUCATION IN THE CONTEXT OF THE COVID-19 PANDEMIA.

Jamerson Guerra Santos¹
Edimar Fonseca da Fonseca²**RESUMO**

O presente artigo, sustentado por metodologia de revisão de literatura, buscou realizar uma breve explanação sobre como a educação e a organização escolar reage às mudanças de grande impacto social, a exemplo do que ocorreu em 2020, com a emergência da Pandemia Mundial de Covid-19. Essa problemática consiste em questionar se enquanto componente de uma tecitura social em contínua transformação, o sistema educacional acompanha e promove as mudanças necessárias ou é simplesmente levado a reboque. Essa questão se justifica, com base no argumento uníssonos, de que a Educação é o principal motor de desenvolvimento de uma organização social, no entanto, percebe-se que na prática pouco se opera para que se potencialize esse efeito multiplicador da Educação, o exemplo nítido disso, foram as escolas públicas paradas, sem condições de atender aos estudantes durante o necessário isolamento social, mesmo com tantas possibilidades de mediação didático pedagógica oferecida pelas tecnologias móveis e digitais. Evidenciou-se a necessidade de uma profunda mobilização de todos os agentes da educação, seja dos responsáveis pela sua promoção, quanto dos que planejam e daqueles que executam para que a educação e a escola cumpram sua função social de emancipar sujeitos.

Palavras Chave: Educação. Escola. Tecnologia. Transformações.

ABSTRACT

This article, supported by a literature review methodology, seek to carry out a brief explanation of how education and school organization react to changes of great social impact,

¹Graduado em Economia Pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB), licenciado em Geografia pelo Centro Universitário Internacional Uninter, Graduando em Pedagogia – 2º licenciatura pelo Centro Universitário Uninter.

²Doutorando em Educação em Ciências Química da Vida e Saúde-UFRGS. Mestrado em Ensino de Ciências na UNIPAMPA. Graduado Física/Matemática e Pedagogia. Possui Especialização em Metodologia do Ensino de Física e Matemática. Supervisão Escolar e Educação de Jovens e Adultos.

such as what occurred in 2020, with the emergence of the Covid-19 World Pandemic. This problem consists in questioning whether, as a component of a social weaving in continuous transformation, the educational system accompanies and promotes the necessary changes or is simply taken in tow. This question is justified, based on the unisonous argument, that Education is the main engine for the development of a social organization, however in practice, little is done to potentiate this multiplier effect of Education, the clear example of which was the closed public schools, unable to assist students during the necessary social isolation, even with so many possibilities of pedagogical didactic mediation offered by mobile and digital technologies. The need for a deep mobilization of all education agents was evidenced, whether those responsible for its promotion, or those who plan and those who carry out so that education and schools fulfill their social function of emancipating people.

Keywords: Education. School. Technology. Transformations.

1. INTRODUÇÃO

A trajetória do desenvolvimento humano é marcada por transformações. Não teríamos alcançado a Era das tecnologias digitais, se num tempo remoto outras tecnologias rudimentares não tivessem sido desenvolvidas e promovido as condições próprias de produção social, reprodução econômica e sedentarização do homem, desencadeado um processo sistemático e contínuo de criação de novas necessidades sociais. Analogamente, a Educação e seus processos foram se constituindo como elementos da construção social, e cada tempo assumiu papel decisivo nos rumos que as mais diversas sociedades desempenharam no cenário global, algumas exercendo papel de vanguarda, estabelecendo domínios, difundido seus valores, e promovendo o que por muito tempo foi entendido como processo civilizatório de povos considerados bárbaros e/ou selvagens.

O fato é que a Educação ao longo de sua trajetória, a cada momento histórico, passa por mudanças, consoantes às dinâmicas sociais, delineando a forma como o conhecimento é difundido, a quem alcança e principalmente como é tratado. Na sociedade brasileira, a condução dos processos educacionais sempre foram objeto de conduto da elite política para ratificar sua condição de privilégio, deixando à massa a margem desse bem tão significativo para a emancipação dos sujeitos. Somente a parti da terceira década do século XX, a educação é incorporada como uma política de Estado por meio de um instrumento constitucional, porém

ainda assim, simplesmente com a finalidade instrucionista visando capacitar a mão de obra para a nascente indústria nacional.

Com base nesse exórdio, trazemos a pauta o cenário vivenciado pela educação no momento presente, tendo como “epicentro” a pandemia mundial do Covid-19, mas que também tem como pano de fundo os velhos e já conhecidos problemas educacionais brasileiros, tais como precariedade do sistema público de ensino, baixa qualificação dos profissionais da área para fazer frente aos desafios da educação mediadas por tecnologias digitais, o que relegou um contingente substancial de estudantes da Educação Básica ao abandono educacional, sem aulas remotas ou mediação pedagógica de qualquer natureza, frustrando principalmente os concluintes do ensino médio em vias de realizar o Exame Nacional de Ensino médio – ENEM, que atualmente é a porta de entrada para acesso à maioria das Universidades Públicas do País. Ou seja, o reiterado descaso com a educação, afeta os já historicamente desprivilegiados. Enquanto os estudantes da rede particular tiveram, durante o isolamento social aulas remotas, cursos online preparativos para o vestibular e ENEM, as escolas públicas permaneceram praticamente inertes, acentuando ainda mais os desníveis entre os que podem e os que não podem pagar pela educação.

Assim, delimitamos como eixos teóricos deste trabalho a abordagem sobre a Gestão escolar: desafios e perspectivas, as tecnologias na educação e o papel do professor, para tecer a trajetória discursiva deste texto e contribuir com a prática reflexiva e crítica sobre a educação e o sistema de ensino brasileiro. Para tanto, conta-se com a reflexões de diversos autores tais como: Almeida, (2019); Arroyo (2013); Bartnik (2012); Brito e Purificação (2013); Cunha, (1989); Demo, (2012); Di Palma (2012); Grochoska (2012); Hora (1994) Kenski (2010); Luck (2010); Luck et al. (2012); Mocelin, (2019); Moran (2015); Oliveira (2012); Pádua, (2018); Rocha, (2020); Terra, (2016); Veiga e Viana, (2010), que ajudam na construção dialógica do texto.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho se desenvolveu com base em uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa. Preliminarmente, realizou-se um levantamento de obras com aderência aos temas organização e gestão escolar, educação e tecnologias e formação docente, com o objetivo de buscar o embasamento teórico para a construção textual, conforme assevera Pádua (2018)

Na verdade, a questão dos procedimentos é uma questão instrumental, portanto referente à prática do pesquisar, como um conjunto de técnicas que permitem o desenvolvimento dessa atividade nos diferentes momentos do seu processo; nesse sentido, as técnicas, que nos auxiliam e possibilitam elaborar um conhecimento sobre a realidade, não podem se caracterizar como instrumentos meramente formais, mecânicos, descolados de um referencial teórico que as contextualize numa totalidade mais ampla. (PÁDUA, 2018, p.29)

Como elemento norteador, buscou-se tecer a partir das contribuições trazidas pelos autores um nexo causal com a realidade experienciada pelos agentes e sujeitos da educação com a emergência da Pandemia do Covid-19. Conceitualmente, apresentou-se uma revisão de literatura acerca da escola, sua estrutura organizacional e sua finalidade social evidenciando a perspectiva de diversos autores, com enfoque nas estratégias de gestão para a democratização do espaço escolar e necessidade de tornar este espaço catalisador do ambiente social.

Por outro lado, na tentativa de estabelecer uma construção lógica e analítica, com o formato da educação praticado em tempos de pandemia, fez-se uma breve abordagem da relação entre tecnologia e Educação, buscando-se compreender como os recursos digitais afeta as práticas pedagógicas, o processo de aprendizagem e a mediação do Professor. Por fim buscou-se retratar as dificuldades do trabalho docente da escola pública no formato remoto digital num contexto em que as ações do Estado ainda não elegeu a educação como um bem de alto valor agregado para a desenvolvimento socioeconômico do país.

Assim, em termos gerais, a pesquisa contemplou em sua dimensão operacional as perspectivas trazidas por Gil (2007) e Triviños (2006) conforme segue: a) quanto aos objetivos, consiste em um estudo exploratório descritivo; b) quanto ao referencial teórico, a pesquisa se embasou numa revisão de literatura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A GESTÃO ESCOLAR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Gestão é um processo de mobilização da competência e da energia de pessoas coletivamente organizadas para que, por sua participação ativa e competente, promovam a realização, o mais plenamente possível, dos objetivos de sua unidade de trabalho, no caso, os objetivos educacionais. (LÜCK, 2010, p. 21). De acordo com esse conceito, aprendizagem de qualidade é a finalidade da escola e essa só é garantida por meio do trabalho de todos. Lück (2010) estabeleceu dimensões da gestão escolar. São elas:

- **Pedagógica:** planejamento coletivo (professores e coordenadores) anual, bimestral e mensal e decisões sobre as práticas pedagógicas alinhadas ao projeto político-pedagógico da escola.
- **Orientação do desempenho e desenvolvimento da competência de pessoas:** avaliação de desempenho no modelo 360° (horizontal: todos avaliam todos) ou semelhante.
- **Cultura e clima organizacional da escola:** promover o trabalho em equipe, pesquisar a satisfação das pessoas, reconhecer boas práticas.
- **Cultivo do ideário educacional e sua implementação na escola:** participação de todos os atores da escola na elaboração/avaliação do projeto político da escola e monitoramentos na sua implementação.
- **Relação família/escola:** envolver a família nos projetos da escola, fazer parcerias orientadas para a aprendizagem de todos alunos.
- **Relação escola/comunidade:** ter canais de comunicação eficazes: jornalzinho mensal, atendimento ágil, reuniões regulares, informativo anual, buscar parcerias orientadas para a aprendizagem de todos os alunos etc.
- **Comunicação e relacionamento interpessoal:** ter processos de comunicação eficazes: informativos, e-mails, caderno de correspondências internas, caderno de recados, mural de professores, mural da comunidade, comunicados em reuniões, respeito, cordialidade e gentileza.
- **Organização e funcionamento administrativo da escola:** definir/divulgar os processos e atribuições de todos os setores, avaliar e melhorar sistematicamente todos esses processos, buscar inovações, tomada de decisões colegiada, participação de todos na administração da escola.
- **Resultados educacionais:** Divulgação ampla de resultados de aprendizagem de avaliações internas e externas, bem como a análise desses resultados e ações corretivas planejadas coletivamente, transparência e ampla divulgação da prestação de contas, resultados relacionados aos funcionários, água, luz, telefone, projetos etc.

Baseado nesta perspectiva fica evidenciado o quanto o processo de organização e Gestão Escolar é complexo e não deve ser negligenciado em nenhuma de suas dimensões. É imprescindível ao Gestor escolar e toda sua equipe das diversas áreas, conhecer o sistema educacional, as particularidades do entorno onde está inserido, das demandas sociais de seu público e dos impactos que as ações que emergem da escola causa na sociedade como um todo, na palavras de Grochoska,(2012, p.19):

Discutir a organização escolar compreende uma profunda análise da função da escola nos dias de hoje. Perceber o papel dessa instituição nos contextos da sociedade pressupõe o entendimento do que queremos da educação e aonde queremos chegar como sociedade.

Entender a escola como um sistema aberto é imprescindível para manter-se o diálogo com a sociedade. É importante considerar que do mesmo modo que a própria sociedade muda, se renova, se reinventa, estabelece novas relações, emergindo com novas demandas, a escola também precisa mudar, pois ao mesmo tempo que seus “resultados” impacta na sociedade, é também por ela impactada.

É salutar compreender o papel da escola na formação dos sujeitos sociais para além do processo de alfabetização e escolarização, o ato educativo no ambiente escolar é complexo, sinuoso e não se faz apenas com métodos e técnicas. A sua plena finalidade se cumpre quando se reconhece que na escola o aprendizado é bilateral e multifacetado, uma troca simultânea entre aqueles formados para ensinar e aqueles ávidos por aprender, que trazem o seu referencial de mundo para dentro da sala de aula, devem portando ter suas singularidades respeitadas, acolhidas e contempladas na maneira de mediar a aprendizagem.

É na escola que, com um pouco de cuidado, surge o contraste entre as aprendizagens na casa e na rua. A vivência desse contraste entre a casa a rua e a escola oportuniza o enriquecimento de sua compreensão sobre o significado de direitos e deveres pessoais. A escola não grita; ali as coisas devem ser apenas ditas e os mistérios feijão e da vida são introduzidos. A escola não é apenas um lugar onde a criança vai para aprender a ler e escrever e contar. Ela é o lugar de vivência, em primeira pessoa, de um mundo novo e diferente, onde a cor da pele, o formato dos olhos e o tipo da roupa não devem contar na lista dos méritos pessoais. A escola é a primeira possibilidade de vivência de um âmbito de socialização que não é o melhor nem pior do que as vivências familiares e de grupos; ele é diferente e é essencial para a vida da criança. (ROCHA, 2020, p.92-93).

Nessa toada, a ideia de participação coletiva no processo decisório da organização escolar ganha força e torna-se elemento fundamental para a construção da escola do presente, para além dos idealismos, que na maioria das vezes não transcendem as páginas dos livros e manuais, é necessário vivenciar na prática social da escola, desde o “chão de sala” por meio das estratégias pedagógicas até nos projetos que envolvem a aproximação da escola com a comunidade. Hora (1994, p.59) reafirma que “O entendimento de que a escola não é um órgão isolado do contexto global de que faz parte, deve estar presente no processo de organização de modo que as ações a serem desenvolvidas estejam voltadas para as necessidades comunitárias”. Já Luck (2012, p.18), reitera que “A abordagem participativa na gestão escolar demanda maior envolvimento de todos os interessados no processo decisório da escola, mobilizando-os, da mesma forma, na realização das múltiplas ações de gestão”.

O caso concreto que vivenciamos no momento em virtude da Pandemia Mundial em curso, evidência essa necessidade da Escola apresenta-se como uma organização, flexível,

adaptável e com capacidade de propor soluções fora do seu “modus operandi” contumaz, consoante às mudanças involuntárias que se apresenta em cada tempo. Não é razoável concebê-la como um objeto estático, as práticas e vivências escolares precisa reinventar-se a cada tempo, nesse sentido é preciso considerar que:

Mas os confrontos do processo educacional não para por aí. Nesse momento delicado por que passa a Educação, O professor, as metodologias, os processos de ensino têm papel decisivo na condução das novas propostas e na definição dos papéis na execução do projeto social que visa elevar a qualidade do ensino e da formação dos alunos. Precisamos considerar que os avanços tecnológicos deram origem a mais uma forma de exclusão, pois estão disponíveis apenas para alguns. As outras exclusões, como as de ordem social, compreendendo os preconceitos que recaem sobre a diversidade de gênero, cor, raça, religião, perfeição ou imperfeição física ou biológica, moradia e “tribo”, levam a uma necessidade de abordar competências pedagógicas e assumir posturas educacionais que considerem o desenvolvimento dos alunos ao pretendermos prepara-los para o enfrentamento das solicitações do mundo moderno, no qual é preciso tomar decisões, ter iniciativa e criatividade. (BARTNIK, 2012, p.129)

Assim, a escola precisa ser vanguardista e movimentar-se junto à sociedade, talvez assim, haja mais interesse por parte dos estudantes de frequentar, participar de forma mais ativa na superação dos velhos paradigmas sentirem-se integrado num processo de construção coletiva de educação.

Para esse processo de “revolucionamento”, a formação dos profissionais que estão envolvidos no processo de Gestão escolar deve ser permeada por uma longa caminhada de conhecimentos. Todo profissional de educação deve empenhar-se desde a etapa inicial de formação que começa já no estágio supervisionando, conforme evidenciado na estratégia 15.8 do Plano Nacional de Educação (PNE):

Valorizar as práticas de ensino e os estágios nos cursos de formação de nível médio e superior dos profissionais da educação, visando ao trabalho sistemático de articulação entre a formação acadêmica e as demandas da educação básica [...]”

Gerir uma unidade escolar não é simplesmente uma gestão patrimonial, apesar de envolver um gerenciamento de estrutura, tecnologia e pessoas, a finalidade da gestão escolar transcende o intuito da alocação ótima de recursos, muito preconizado pela administração empresarial.

Na escola, o foco é a produção crítica do saber, a inserção do aluno no processo de formação de ideias, na construção de conhecimentos, no desenvolvimento de competências e na formação de atitudes. Já na empresa, o foco da gestão é o lucro e a produtividade. (BARTNIK, 2012, p.48)

Além de ter essa visão ampliada de gestão, é fundamental que conheça as competências profissionais requeridas para o cargo de gestor escolar ou de diretor. Além disso,

é preciso conhecer as atribuições e demandas, que podem variar conforme o sistema de ensino e o tipo de instituição. A qualidade da educação desenvolvida pela escola é responsabilidade primeira do gestor, pois ele é o responsável primeiro pelos processos de ensino e de aprendizagem efetivados na relação entre professor e aluno.

O Projeto Político Pedagógico deve ser construído coletivamente pela comunidade escolar, e o Gestor Escolar deve contribuir para abertura desse diálogo, numa nova forma de aproximação entre todos os sujeitos

Essa é uma mudança significativa na maneira de conceber a escola que tem reflexos importantes nos processos de gestão. Se antes estavam baseados em uma perspectiva hierarquicamente centralizadora, cuja lógica se articulava na visão de alguns poucos indivíduos que detinham não somente o acesso à informação, mas também o poder de decisão; como organização que aprende, vai se caracterizar por existir uma “maior distribuição do poder decisório, pela liderança de indivíduos em todos os níveis e pelo desenvolvimento do pensamento sistêmico como forma de incrementar o pensamento reducionista tradicional (DI PALMA, 2012 p.112).

Assim, o gestor escolar precisa demonstrar o seu conhecimento na realização do seu trabalho, refletindo sobre as suas práticas de forma sistemática. É necessário sempre aperfeiçoar a prática, ser um estudioso, um pesquisador, alguém que ousa conhecer para transformar. “Em uma gestão democrática, torna-se fundamental a participação, a autonomia e a responsabilidade individual em benefício do coletivo, e o papel do gestor é fazer com que o processo de democratização aconteça dentro do espaço educacional” (MOCELIN e SILVA, 2019, p.50).

3.2 AS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

A relação entre tecnologia e Educação, não é algo recente, na própria trajetória do desenvolvimento de ambos, tecnologia e educação, se influenciam mutuamente, e uma sustenta o avanço da outra, na perspectiva de Kenski (2010, p.21), “O avanço científico da humanidade amplia o conhecimento sobre esses recursos e cria permanentemente “novas tecnologias”, cada vez mais sofisticada”. Essas novas tecnologias, emergentes de cada tempo, devem continuamente ser apropriadas pela prática educativa, tanto do ponto de vista do professor que ao adotá-las podem promover inovações em suas metodologias, quanto pelos estudantes que apesar do bom trânsito no manejo das TIC’s, nem sempre a utilizam com um

propósito educativo. O fato, é que a mudança é um ato contínuo que está atingindo todos os contextos sociais, e a educação não poderá ficar incólume.

O cenário que se desenha parece indicar que, em breve, os estudantes já não se sentirão motivados a frequentar escola/universidade para escutar aula. Isso pode ser feito virtualmente, com grandes vantagens, porque é possível manter algum controle pessoal (estudar na hora, no lugar, no contexto que se quiser, mais rápido ou mais devagar, sozinho ou em grupo). A comodidade não será, porém, o trunfo maior. Este se refere a modos alternativos de aprender, mais dinâmicos, excitantes e interativos, que o mundo virtual mais facilmente oferece. A própria facilidade que crianças têm no manejo do computador, para espanto dos adultos, sugere que esse ambiente lhes é bem mais atraente. (DEMO, 2012 p. 130)

No entanto, quanto tratamos das práticas educativas, na realidade vivencial, percebe-se que a um descompasso entre o que pode acontecer e aquilo que efetivamente acontece, ou seja, apesar de um universo de possibilidade que podem ser transportadas para a sala de aula, não se utilizam de todo potencial propiciado pelas tecnologias. Talvez ainda pela ausência de um direcionamento pedagógico, entre professor e escola, no processo de articulação de educação mediada por tecnologias.

O avanço do mundo digital trás inúmeras possibilidades, ao mesmo tempo em que deixa perplexas as instituições sobre o que manter, o que alterar, o que adotar. Não há respostas simples. É possível ensinar e aprender de muitas formas, inclusive da forma convencional. Há também muitas novidades, que são reciclagens de técnicas já conhecidas. (MORAN, 2015, p.11)

Nas circunstâncias eclodidas em 2020, decorrentes da Pandemia, que tirou professores e estudantes de seu “locus” de ensino-aprendizagem, visto que, o distanciamento social foi o meio imediato de minimizar a disseminação do vírus, diante da ausência de um tratamento medicamentoso, e morosidade no processo de início de vacinação, teve-se de lançar mão do uso intensivo dos recursos tecnológicos. O grande desafio consistiu justamente na utilização desses recursos com uma intencionalidade pedagógica e não simplesmente como a solução, ou alternativa para problemas típicos da educação, que independem da pandemia, mas que foram ainda mais evidenciados com a emergência dela. Nesse cenário o professor, viu-se confrontado com questões inquietantes de sua realidade, que na vivência presencial conseguia contornar com alguma desenvoltura, mas que no online exige ações diferentes da qual estavam acostumados.

Nesse contexto, a Educação, como as demais organizações, está sendo muito pressionada por mudanças. No momento atual, todos devemos (re)aprender a

conhecer, a comunicar, a ensinar; a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social. (BRITO E PURIFICAÇÃO, 2013,p.25).

Resta-se debruçarmos na busca por meios e modos de conciliar os desafios da educação com o atendimento das demandas de uma sociedade cada vez mais virtualizada, e dependente dos recursos digitais. No cenário da Pandemia de covid-19, precisamos trazer a pauta da educação, independente da modalidade, se remota, presencial ou híbrida, como um “serviço essencial “, e que não poderá parar, à espera do aniquilamento do vírus. Assim, se desenha uma nova perspectiva para o modo de se fazer educação, que desafia os sistemas educacionais e os professores a reconstruírem suas práticas de uma forma disruptiva.

3.3 E AGORA PROFESSOR

No percurso histórico da Educação, o papel do Professor esteve por muito tempo rigidamente bem definido, inclusive em sua dimensão hierárquica. Na condição de “senhor do saber” a ordem e a disciplina estavam indissociavelmente atreladas à transmissão dos conteúdos aos estudantes, figuravam como uma conjugação na postura do exercício profissional do professor, sustentada pelo predomínio de uma cultura escolar tradicionalista, elitista e centrada no ensino e não na aprendizagem.

Por certo, então, os papéis escolares estão definidos ideologicamente também na sociedade, identificados como classe dominante, passando pelas formas de produção e distribuição do conhecimento. Os professores vivem num ambiente complexo de múltiplas interações sociais no seu dia a dia. São eles também frutos da realidade cotidiana das escolas, muitas vezes incapazes de fornecer uma visão crítica aos alunos, porque eles mesmo não a têm, porque se debatem no espaço de ajustar seu papel à realidade imediata da escola, perdendo a dimensão social mais ampla da sociedade. (CUNHA, 2011, p. 58).

Percebe-se, que a conjuntura atual não é mais compatível com essa forma hermética de pensar a conduta do professor, muito menos de exercício do ato educativo. Desenha-se uma nova configuração, em que o Professor deve se colocar como um facilitador da aprendizagem – papel de mediador. Ressalva-se que a condição hierárquica do professor não pode nem deve ser desconsiderada, mas ganha, uma nova configuração num cenário que a educação se volta para uma prática colaborativa, considerando que os conhecimentos prévios dos estudantes devem ser considerados e que o próprio professor estará aprendendo à medida que interage com

estes para ensinar e desenvolve novas habilidades, inclusive no campo tecnológico, que é de fácil apropriação pela geração em idade escolar.

É de fundamental importância na reflexão sobre a questão discutida no capítulo anterior - educação mediadas por tecnologias -, a questão do percurso formativo dos professores. Duas situações se desenham, a primeira em relação aos professores que a muito tempo foram formados e estão em atividade, a segunda perpassa sobre o próprio currículo para os professores atualmente em formação. A sociedade muda, as demandas formativas se alteram, e o próprio conhecimento adquirido em um determinado tempo, precisa ser contemporizar.

Assim, as mudanças que se sucederam no planeta, em todas as sociedades, afetaram e continuam afetando os inúmeros subsistemas sociais, entre os quais a educação e, conseqüentemente, a escola, embora, havemos de convir, esta nem sempre consiga acompanhar as mudanças ao compasso das transformações que acontecem na sociedade. (VEIGA e VIANA, 2010, p. 15)

Os currículos, na maioria das vezes, vão sendo reproduzidos, por anos a fio, de forma hierarquizada e replicando conhecimentos e até mesmo valores que já não estão aderentes à realidade do paradigma crítico-social vigente e mesmo do mundo do trabalho.

Nas diretrizes e reorientações curriculares falta sociedade, falta dinâmica social, faltam as tensas experiências sociais que nos cercam, que invadem as escolas na vida das crianças dos adolescentes, dos jovens e adultos. dos próprios docentes. Por que tantas diretrizes e reorientações curriculares ignoram que existe tanta vida lá fora e continua nos lembrando de sua legitimidade vem dos ordenamentos legais? Porque perduram esse estilo das páginas iniciais lembrar de leis, pareceres, resoluções, normas e não partem das tensões sociais que interrogam a sociedade, o Estado, suas instituições, os currículos? (ARROYO, 2013, p.19)

Difícilmente o sistema educacional, passará por mudanças se a formação dos professores também não for substancialmente reavaliada, levando em consideração o que Arroyo (2013) chama de “tensas experiências sociais”, e que fazem parte das insatisfações, dos desejos de mudanças, até que se alcance uma acomodação provisória. Provisória porque é um movimento dialético, a acomodação é apenas transitória, o tempo necessário de assimilar, é ao mesmo tempo combustível para que novos elementos surjam e criem outros pontos de ebulição, que servirão para continuas e necessárias inovações e formas de se fazer, praticar a educação.

Em virtude das transformações advindas do uso das tecnologias na educação, propositadamente temos de pensar na necessidade de evoluir as políticas de implementação dessas tecnologias ao currículo, as quais devem se interconectar às diversas instâncias que envolvem o sistema educativo. Nesse aspecto, todos os atos dos distintos cenários educacionais (educação básica, educação superior, educação

profissional etc.) precisam, obrigatoriamente, estar envolvidos dispostos a realizar uma mudança. A efetiva integração da tecnologia ao currículo vai muito além da mera inserção de ferramentas ou de recursos advindos das tecnologias. (ALMEIDA, 2019, p.108).

Neste contexto, apesar de traumática, a Pandemia de covid-19, trouxe uma série de rupturas oportunas para a educação, que caso não tivéssemos sido forçados por ela, levaríamos muito tempo para implementá-las voluntariamente. A organização escolar tal qual conhecemos foi praticamente diluída em sua estrutura, a maioria das estratégias de ensino e das metodologias até então adotadas não foram pensadas para um momento de não presencialidade, como o que vivemos agora, tudo o que foi pensado, planejado foi como base no modelo instrucionista, em que o professor rege pela exposição verbal e o aluno de forma passiva, é mero coadjuvante da proposta de ensino, a qual, a tempos já evidencia sua baixa eficácia para uma aprendizagem significativa, mas ainda assim é sistematicamente adotada, conforme adverte Oliveira (2012)

Ao percebermos que o mundo ao nosso redor está mudando de forma bastante acelerada, percebemos também que a educação continua assentada no paradigma Newtoniano-cartesiano. Este reforça um ensino fragmentado e conservador, caracterizado pela reprodução do conhecimento – fracionado, estático, linear, descontextualizado – e pela adoção de metodologias que conduzem a respostas únicas e convergentes, mesmo utilizando sofisticados instrumentos tecnológicos. (OLIVEIRA, 2012, p.25)

Reconhece-se, unanimemente, que a Educação precisa avançar qualitativamente, superar desafios não apenas em números, cumprindo metas que quase sempre não refletem qualidade no ensino. A condução das políticas públicas em Educação, em todos os níveis de governo Municipal, Estadual e Federal, precisa considerar a realidade objetiva das famílias para a educação básica, pois as dificuldades enfrentadas no ambiente doméstico refletem a forma como os sujeitos da aprendizagem percebe, experimenta e vivencia o ambiente escolar e isto se refletirá na vida em sociedade e no mundo do trabalho consequentemente. Por isso é necessário considerar a educação como um instrumento de cidadania.

... há de concordar que a educação é o instrumento básico para a formação dos cidadãos e para o desenvolvimento social, econômico, cultural, científico e tecnológico de qualquer país, principalmente no mundo informatizado e tecnológico de hoje. Existe uma unanimidade entre a maioria das pessoas sobre isso. O problema é que, no Brasil, milhões de crianças e jovens estão fora da escola. Outros tanto milhões frequentam escolas públicas, mas reclamam da qualidade do ensino; e uma parcela considerável dos estudantes acaba abandonando os estudos (evasão escolar). (TERRA, 2016, p.24).

Durante a pandemia, na realidade brasileira, ratificou-se que a educação ainda não é uma prioridade no país, não é uma política de Estado, sofrendo as instabilidades políticas conforme as mudanças de gestão decorrentes dos processos eleitorais. O fosso da desigualdade social acentuou-se, pelo descaso com a Educação. Enquanto as escolas privadas viabilizaram, ainda que de forma “artesanal”, estratégias para minimizar o impacto da suspensão das atividades presenciais; as escolas públicas permanecem por quase dois anos paradas, sem nenhum tipo de direcionamento pedagógico, para inicialmente capacitar seus professores para realizar uma mediação remota.

A maioria dos estudantes do último ano do ensino médio, não foram assistidos, sequer minimamente, para participarem da prova do ENEM, muitos tiveram seus sonhos de acesso à universidade pública ainda mais prejudicados, por terem de enfrentar a competição desleal com os estudantes das escolas privadas. Não foi à toa que o Exame 2020 (prova aplicada em janeiro/2021) bateu recorde de abstenção, segundo os dados do próprio INEP com percentuais de 55,3 % na aplicação presencial e de 72 % na reaplicação, formato digital. Ou seja, o desalento educacional se acentuou no contexto da pandemia, para os já historicamente desassistidos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos evidenciar a “teia” que envolve os sujeitos da escola, e dos processos educacionais, relacionando com o momento vivido diante da emergência da pandemia mundial de Covid-19. Por meio de uma revisão de literatura procurou-se compreender a função social da Escola, bem como a finalidade de sua existência e como a mesma se organiza enquanto um microssistema, inserido num macrossistema social.

Evidenciou-se que as transformações são inerentes ao contexto social das escolas, as demandas atuais não são iguais às demandas de décadas anteriores. A revolução promovida pelas tecnologias altera a forma como o conhecimento é difundido, a informação e comunicação entre pessoas geograficamente distantes acontece de forma instantânea, logo o tempo de demanda-resposta por parte do sistema educacional precisa estar sincronizado com este paradigma. Neste contexto faz-se inevitável (re)pensar a forma de como a escola se posiciona diante dos novos cenários e expectativas sociais.

Relatou-se sobre a importância da Gestão da Escolar, principalmente em situações de “crises e rupturas” a exemplo do isolamento social que foi condição para evitar ainda mais a disseminação do vírus. A Escola é por natureza um espaço de relações, não é possível promover uma aprendizagem significativa de sujeitos em formação, sem uma interação

social, afetiva e humanizada. Mas daí surgiu a grande questão do momento presente: como promover esta mediação didático-pedagógica em tempos de distanciamento social? O fato concreto é que há meios disponíveis para que este impacto tivesse sido minimizado, através da mediação didático-pedagógica por meio das tecnologias digitais, mas isso não aconteceu para os estudantes das escolas públicas. A história se repete, e a educação apesar de ocupar a categoria de “bem público, imprescindível e insubstituível, direito de todos e dever do Estado”, deixou à margem milhares de estudantes por quase dois anos consecutivos.

Por fim, deixa-se como recomendação a ampliação dos estudos acadêmicos acerca dos impactos da pandemia mundial na educação, mesmo porque, ainda estamos num momento de travessia, a pandemia ainda não acabou, as aulas ainda estão voltando de forma gradativa e escalonada e o “retrato” final desta cena ainda está por ser revelado.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Siderly do Carmo Dahle de. **Convergências entre currículo e tecnologias**. Curitiba: Intersaberes, 2019.

ARROYO, Miguel González. **Currículo, território em disputa**. São Paulo: Vozes 2013.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm ,Acesso em 06 Jun. 2021.

BARTNIK, Helena Leomir de Souza. **Gestão educacional**. Curitiba: Intersaberes,2012.

BRITO, Glaucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia. **Educação e Novas Tecnologias: um repensar**. Curitiba: Intersaberes,2013.

CUNHA, Maria Isabel da. **O Bom Professor e Sua Prática**. São Paulo: Papyrus, 1989.

DEMO, Pedro. **O Porvir: desafios das linguagens do século XXI**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

DI PALMA, Márcia Silva. **Organização do trabalho pedagógico**. Curitiba: Intersaberes,2012.

GIL, C. A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GROCHOSKA, Marcia Andreia. **Organização escolar: perspectivas e enfoques**. Curitiba: Intersaberes,2012.

HORA, Dinair Leal da. **Gestão Democrática na Escola: artes e ofícios da participação coletiva**. Campinas, SP: Papyrus,1994

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2010.

LÜCK. H. **Liderança em Gestão Escolar**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

LÜCK, Heloísa et al. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOCELIN, Márcia Regina; SILVA, Wilson da. **Gestão e docência: perspectivas epistemológicas**. Curitiba: Intersaberes, 2019.

MORAN, José Mael; MASSETO, Marcos T.; BEHRENS; Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2015.

OLIVEIRA, Elsa Guimarães. **Educação a distância na transição paradigmática**. Campina, SP: Papirus, 2012.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática**. Campinas, SP: Papirus, 2018.

ROCHA, Ronai. **Escola Partida: Ética e política na sala de aula**. São Paulo: Contexto 2020.

TERRA, Márcia de Lima Elias. **Políticas públicas e educação**. São Paulo: Pearson, 2016.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2006.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro; VIANA, Cleide Maria Quevedo Quixadá. Formação de Professores um campo de possibilidades inovadoras. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; SILVA, Edileuza Fernandes da (org.). **A escola mudou. Que mude a formação de professores!**. São Paulo, Papirus, 2010.